

Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento
Versão online

Jornal
28.Agosto.2018
Artigo
Exposição
<https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/iran-do-espirito-santo-moro-numa-cidade-fria-dura-nao-da-para-pintar-bananeira-23010270>

Veículo
Seção
Autor
Catalogação

O Globo
Segundo Caderno
Nelson Gobbi

<https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/iran-do-espirito-santo-moro-numa-cidade-fria-dura-nao-da-para-pintar-bananeira-23010270>



Os 56 tons de cinza de Iran do Espírito Santo

Artista divide mostra com obras do americano Fred Sandback e diz lutar contra 'expectativa do exótico'

NELSON GOBBI
nelson.gobbi@oglobo.com.br

Nas últimas três semanas, o paulistano Iran do Espírito Santo fez uma imersão na Carpintaria, no Jardim Botânico, pintando os 16 metros de extensão da parede lateral da galeria, a partir de uma variação sutil de 56 tons de cinza. Da entrada, o degradê dá à área uma aparência industrial, como se estivesse coberta por papel de parede. Só chegando bem próximo é possível ver as precisas intervenções manuais de Iran, que pintou cada uma das pequenas formas retangulares que compõem a obra "Compres-

são horizontal".

O apuro nos detalhes e a composição criada a partir de poucos elementos encontra paralelos com as esculturas de cordas elásticas do minimalista americano Fred Sandback (1943-2003), instaladas diante da obra do brasileiro. A troca entre as duas expressões artísticas se dá a partir da proposta da galeria para a exposição "Iran do Espírito Santo e Fred Sandback", inaugurada no último sábado e que segue em cartaz até 11 de outubro.

— Quando conheci o trabalho do Sandback, nos anos 1990, fiquei extremamente impactado. Ele criava

obras de uma força absurda usando tão poucos recursos, o que já era algo presente, de alguma forma, no meu trabalho — pontua Iran. — Muito dessa arte do Sandback e de seus contemporâneos me formou. Vejo vários pontos em comum entre as nossas obras: o gosto pela geometria, pela análise, por uma arte que seja expressiva sem ser expressionista.

HORROR EXISTENCIAL

Viuva do americano, Amy Sandback, de 77 anos, veio ao Rio para acompanhar de perto a montagem das obras do marido e ver a interação delas com as criações do artista brasileiro.

— Como o espaço é um elemento-chave, é essencial que ele seja compreendido antes que qualquer obra seja instalada — observa Amy. — O Iran tem um corpo forte de trabalho, que parece compartilhar o mesmo tom de Sandback. A exposição é uma conversa entre dois artistas.

Além das peças expostas na Carpintaria, o paulistano ocupa a fachada do Oi Futuro, no Flamengo, até 9 de setembro, com uma versão de sua "A noite" (1998). A obra

suprime as formas e cores originais da bandeira brasileira, mantendo apenas as estrelas nas posições originais sobre um fundo escuro.

— Mesmo que não seja uma crítica mais explícita, há uma poética política no trabalho que expressa um certo horror existencial. Infelizmente, acho que estamos vivendo um momento ainda mais obscuro do que em 1998 — compara o artista de 55 anos. — Poucas vezes lancei mão de uma crítica mais direta no meu trabalho, mas em alguns momentos os artistas precisam se posicionar. A arte é sempre política. Mesmo quando ela é ingênua politicamente, ela colabora para a manutenção do status quo.

Cético em relação à política, Iran não vê uma solução próxima para os problemas nacionais em curto prazo:

— Muito se fala da incerteza política, mas as certezas que temos à frente também são preocupantes. Eu nasci na ditadura e não gostaria de envelhecer em meio a nenhuma forma de autoritarismo. Seria mais confortável passar por tudo o que vem acontecendo no Brasil pintando paisagens. Mas

sinceramente não dá.

Presente em coleções como as do Museu de Arte Moderna (MoMA), de Nova York; do Museu de Arte Contemporânea de Barcelona (MACBA); da Cisneros Fontanals Art Foundation (CIFO), em Miami; e dos acervos do Museu de Arte Moderna do Rio (MAM) e do de São Paulo (MAM-SP), a obra de Iran segue em alta no circuito internacional.

BANANEIRA, SEI LÁ

Com duas passagens pela Bienal de Veneza (1999), ele conta que precisou vencer uma resistência inicial a partir de uma percepção do que seria "arte brasileira" de acordo com outros países.

— Acabamos introjetando uma expectativa do exótico, da violência, dessa noção de que nós somos o corpo, enquanto os Estados Unidos e os países europeus seriam a mente — aponta o artista. — Eles esperam isso de nós, o corpo, a cor, a cultura exótica. E a gente continua fornecendo. São gerações de "Carmens Mirandas". Nunca me identifiquei com isso, moro numa cidade industrial, fria, dura. Não dá para eu ficar pintando bananeira.

Paralelos. Iran entre a parede que pintou na Carpintaria e as esculturas de cordas de Sandback: arte "expressiva sem ser expressionista"

"Iran do Espírito Santo e Fred Sandback"
Onde: Carpintaria — Rua Jardim Botânico, 971 (3875-5554).
Quando: Ter, a sex, 10h às 19h; sáb, 10h às 18h. Até 11/10.
Quanto: Grátis.
Classificação: Livre.